

**O ENCONTRO ENTRE
SUBJETIVIDADE E
ALTERIDADE NA CRÍTICA
DAS PRÁTICAS
JORNALÍSTICAS:
aproximações de
pesquisa**

THE ENCOUNTER BETWEEN
SUBJECTIVITY AND OTHERNESS
ON THE CRITIC OF JOURNALISTIC
PRACTICES: research approaches

EL ENCUENTRO ENTRE
SUBJETIVIDAD Y ALTERIDAD EN
LA CRÍTICA DE LAS PRÁCTICAS
PERIODÍSTICAS: aproximaciones
de investigación

Marcia Veiga da Silva^{1, 2}

RESUMO

A partir do livro *O nascimento de Joicy*, de Fabiana Moraes, inicio as aproximações com a autora como possível interlocutora de minha pesquisa de pós-doutorado, que enseja conhecer práticas jornalísticas mais afeitas a alteridade. Entre os desafios dessa aproximação está o de relacionar o livro com as práticas jornalísticas compreendidas como *Os novos jornalismo investigativos* (NEVEU, 2016), bem como com as características que delimitam o conceito de *Livro de repórter* (MAROCCO, 2010). Outro desafio é o de refletir sobre as descrições da jornalista sobre suas práticas como um deslocamento do modo de objetivação jornalística circunscrita num tipo de *autorialidade*

¹ Jornalista pela Universidade Luterana do Brasil, mestre em Comunicação e Informação e doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos como bolsista PNPd-CAPES (2015-2020). Email: marciaveiga2005@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Rua General João Telles, 69 apto. 201, CEP: 90035-121, Porto Alegre – RS, Brasil.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p398>

individual, nos termos de Ringoot e Marocco (2015). Considerando também a posição de sujeito da jornalista por um viés de gênero, faço uma leitura da reflexividade sobre as práticas, proposta pela autora, a partir da epistemologia feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas jornalísticas; alteridade; livro de repórter; subjetividade.

ABSTRACT

From the book "O nascimento de Joicy", by Fabiana Moraes, I begin approaching the author as a possible interlocutor of my postdoctoral research, which hopes to acknowledge journalistic practices more associated with otherness. Among the challenges of this approaching is the one of relating the book with the journalistic practices comprehended as the new investigative journalism, and also the characteristics that delimit the concept of a reporter's book. Another challenge is to reflect about the journalist's descriptions about her practices as a displacement of the circumscribed way of journalistic objectification in a kind of individual authoriality, on the terms of Ringoot e Marocco (2015). Considering also the subject position of the journalist in a gender view, I made a reading of the reflexivity about the practices, proposed by the author, based on the feminist epistemology.

KEYWORDS: Journalistic practices; otherness; reporter's book; subjectivity.

RESUMEN

A partir del libro *O nascimento de Joicy*, de Fabiana Moraes, empecé las aproximaciones con la autora como posible interlocutora de mi investigación postdoctoral, que pretende conocer las prácticas periodísticas más afectas à la alteridad. Entre los desafíos de la aproximación está el de relacionar el libro con las prácticas periodísticas comprendidas como *Os novos jornalismo investigativos* (NEVEU, 2016), así como con las características que delimitan el concepto de "Libro de reportero" (MAROCCO, 2010). Otro desafío es el de reflexionar sobre las descripciones de la periodista sobre sus prácticas como un

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p398>

desplazamiento del modo de objetivación periodística circunscrita en un tipo de autorialidad individual, en los términos de Ringoot y Marocco (2015). Considerando también la posición del sujeto periodista por un bias de género, hago una lectura de reflexividad sobre las prácticas, propuesta por la autora, desde la epistemología feminista

PALABRAS-CLAVE: Crítica de la práctica periodística; alteridad; libro de reportero; subjetividad.

Recebido em: 19.04.2017. Aceito em: 16.11.2017. Publicado em: 01.01.2018.

Introdução

Encontrei na leitura do livro *O nascimento de Joicy*, da jornalista Fabiana Moraes, um caminho para começar a escrutinar meus interesses de pesquisa³ – ou seja, conhecer práticas jornalísticas mais afeitas ao encontro com a alteridade. Além de destacar o encontro com o Outro como um desafio cada vez mais necessário de ser invocado e tensionado nas práticas hegemônicas do jornalismo, a narrativa do livro traz outros elementos que me levaram a incluir a autora no rol de possíveis interlocutoras: a discussão da subjetividade como parte dos deslocamentos dos modos de objetivação do jornalismo, a reflexividade acerca das próprias práticas profissionais. Havia, porém, o desafio de saber por quais caminhos empreender uma análise desta narrativa, o que significaria pensar nas lentes pelas quais a compreenderia e que daria corpo a esse experimento de ideias.

Optei por relacionar o livro com as práticas jornalísticas compreendidas como *Os novos jornalismo investigativos* (NEVEU, 2016), bem como com as características que delimitam conceito de *Livro de Repórter* (MAROCCO, 2010). Decidi ainda refletir sobre as descrições da jornalista sobre suas práticas como um deslocamento do modo de objetivação jornalística circunscrita num tipo de autoria individual, nos termos de Ringoot e Marocco (2015). Considerando também a posição de sujeito da jornalista por um viés de gênero, faço uma leitura da reflexividade sobre as práticas e um devir do jornalismo a partir da epistemologia feminista. Nas teceduras dessas diferentes leituras

³ A pesquisa *O nós e o Outro nas práticas jornalísticas de excelência: a história de vida de jornalistas reconhecido(a)s no Brasil como parte dos conhecimentos para o exercício da alteridade no Jornalismo*, desenvolvida como parte de meu estágio pós-doutoral como bolsista PNPd-CAPES junto ao PPGCOM Unisinos, sob supervisão da profa. Dra. Beatriz Marocco.

pretendo destacar as questões relativas a alteridade, desafios e possibilidades de encontro com o Outro no fazer jornalístico.

Uma aproximação com a jornalista-autora a partir do livro de repórter

O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem é o quarto livro⁴ da jornalista pernambucana Fabiana Moraes, fruto de uma grande reportagem vencedora do Prêmio Esso. Segundo a autora, esta publicação tem como elemento unificador com seus demais livros “o esforço de superar o discurso geral empreendido pelo jornalismo, no qual o senso comum é uma forte realidade” (MORAES, 2015, p. 174). Isso se expressa na escolha das temáticas e nas fontes/personagens situadas nas bases da hierarquia social. O Outro, de acordo com Fabiana, tem sido parte integrante das escolhas das pautas, e serve com um caminho para a reflexividade sobre as práticas profissionais, pessoais e sobre o jornalismo como um todo.

Idealizado com objetivo de pensar sobre “as proximidades e distanciamentos que se impõem entre jornalistas e personagens, entre quem observa e quem é observado, entre quem quer ouvir e quem espera ser ouvido” (MORAES, 2015, P. 24), o livro é dividido em três partes. Na primeira, consta a reportagem, publicada originalmente em série⁵, sobre a transexual Joicy, cabeleireira de Perpétuo Socorro (interior do estado de Pernambuco), a quem a repórter acompanha ao longo de quatro meses, antes, durante e depois da

⁴ Os anteriores são *Os sertões* (2010), *Nabuco em pretos e brancos* (2012) e *No país do racismo institucional* (2013)

⁵ Série publicada durante três dias, na versão impressa do *Jornal do Commercio*, de Pernambuco, em abril de 2011.

cirurgia de redesignação sexual. Na segunda é apresentada a vida pós-reportagem, “que fala sobre como se deu a produção da série, os encontros com a transexual, sua família, seus vizinhos, as discussões, os desentendimentos, os limites do jornalismo na sua prática diária, as premiações” (MORAES, 2015, p. 23). A terceira parte propõe a discussão de “um jornalismo de subjetividade” a partir das reflexões sobre a relação jornalista-personagem, “pensando essa aproximação como dotada de elementos riquíssimos para compreender a carne tantas vezes instável de uma profissão na qual, durante décadas, o 'ser objetivo' foi regra por excelência” (MORAES, 2015, p. 23).

Na primeira seção do livro, conhecemos Joicy a partir da reprodução da reportagem. A saga da cabeleireira do sertão em busca do direito a sua identidade de gênero e existência civil dá os contornos de um sujeito mas, sobretudo, de uma sociedade e suas normas excludentes. Mais do que o nascimento de um corpo e de uma identidade “estranhos” à normatividade vigente, a trajetória de Joicy convida o/as leitor/as a vivenciar dores viscerais do “parto” que é ser mulher (cis ou transgênero⁶), pobre, parda e nordestina nas hierarquias de nosso país. Afinal, trata-se do nascimento de uma mulher cuja identidade de gênero feminino, num corpo convencionado como masculino, sequer reúne os atributos do feminino hegemônico, e cuja condição de classe a delimita em extrema condição de pobreza interferindo inclusive nos rumos da sonhada adequação corporal.

Pela narrativa, percebe-se a riqueza dos detalhes típicos de um processo de imersão da jornalista no convívio com a personagem a partir da

⁶ CISGÊNERO: pessoas que se identificam com o gênero/sexo que lhes foi atribuído ao nascer (mulheres cis, homens cis). TRANSGÊNERO: pessoas que não se identificam com o gênero/sexo que lhes foi atribuído ao nascer (travestis, transexuais, homens trans, pessoas não binárias).

descrição densa derivada das observações e interações. Tanto a reportagem quanto os demais capítulos do livro se aproximam do que Erik Neveu vem chamando de *Novos jornalismo investigativos*, “cuja novidade se soma a ancestralidade dos *muckcrackers*⁷, dos escritores-jornalistas como Hemingway ou Steinbeck, dos padrões narrativos do New Yorker desde 1925” (NEVEU, 2016, p. 30-31). Para Neveu, esses novos jornalismo podem ser observados a partir de quatro características principais:

Em primeiro lugar, as reportagens de campo podem ser associadas a muito investimento de tempo, e podem durar meses ou se estender por anos até que se transformem em uma publicação editorial. [...] em segundo lugar, são empreendimentos que exploram a base da vida social. Elas visam observar o ponto de vista dos agentes sociais comuns sobre os fatos relacionados a problemas políticos, mudanças nos costumes, ou no cotidiano dos microcosmos sociais sem prestígio ou opacos.[...] Falar de reportagens longas é, em terceiro lugar, explicitar um critério de formatação dos textos dessas investigações. [...] Um quarto critério decorre dos anteriores. Tanto por seu volume e temas quanto pelos problemas de representação do que foi observado, essas reportagens dão origem a uma intensa reflexão sobre formas adequadas de escrita. De forma bastante resumida: questionar e transgredir os limites, as censuras e as impotências expressivas que podem causar uma escrita jornalística codificada pelos princípios da objetividade e neutralidade e pela retórica da pirâmide invertida. As respostas a esses desafios variam. A maioria dos autores reivindicam a utilização de técnicas romanescas [...]. Outros valorizam uma *mise en scène* de sua própria presença como pesquisadores. Outros ainda questionam as possibilidades vindas de tradições de escritas mais etnográficas. (NEVEU, 2016, p. 31-32).

Licenciada do jornal para a escrita da tese, a jornalista não deixa de realizar a reportagem. Investe seu tempo e sua vida pessoal. Acompanhando a cabeleireira nas atividades do cotidiano, nas relações afetivas, nas sociabilidades com vizinhos, nos percalços do acesso ao Estado e aos direitos

⁷ Em nota de tradução, *muckcrakers* seria “investigador de sujeira. Refere-se aos jornalistas estadunidenses do início do século XX que se dedicam a investigar e a escrever sobre problemas sociais, tais como trabalho infantil, corrupção” (NEVEU, 2016, p. 30).

humanos básicos, Fabiana imerge na vida de Joicy. Vivencia com os sentidos as vivências da personagem:

Era comum ver as pessoas primeiro se espantando, depois rindo e fazendo troça. Sua [de Joicy] cuidadosamente cultivada aparência era tanto seu orgulho quanto, em relação ao outro, sua marca de desprestígio mundano. Uma realidade compartilhada por milhões de gays, travestis e transexuais em todo o mundo. Senti minimamente esse desprestígio sendo transferido para mim, o que me trazia algum constrangimento, principalmente por 'forçá-la' a passar por aquilo com uma espectadora – eu – ao seu lado. (MORAES, 2015, p. 19-20).

Fabiana e Joicy mantiveram sua relação, crivada de pessoalidade, por período maior do que os quatro meses reportados na série. Houve uma imersão que, após o retorno à superfície (com a publicação da reportagem), seguiu produzindo sentidos e sentimentos na jornalista, caminho que pavimentou a escrita do livro. Esse movimento é bem descrito, especialmente no segundo capítulo. Mas a obra como um todo é a expressão do movimento completo de imersão e retorno à superfície, a partir da reflexividade da autora, e encontra uma boa forma de compreensão sobre esse processo nas palavras de Le Blanc (*apud* NEVEU, 2016, p. 31):

Imagine a reportagem como uma imersão na água. Uma vez que você está debaixo d'água, você não vê muito, exceto formas e imagens desfocadas. Mas quando você retornar à superfície, verá com mais clareza. Quando você sair da água, estará mais consciente da temperatura e da qualidade do ar. Há certas sensações que só podem ser realmente sentidas quando você estiver na água e, reciprocamente, quando você retorna à superfície, pode pensar mais claramente sobre o que era visível quando estava dentro.

Ao emergir e descobrir novos prismas, Fabiana traz a alteridade como elemento central para refletir sobre as práticas jornalísticas. As experiências desse encontro entre um eu e um Outro trouxeram inquietações motivadas

pelas emoções vividas no exercício profissional – numa clara referência à intrusão da subjetividade. As dificuldades entre alteridades serviram como matéria-prima para uma reflexão crítica (e autocrítica) sobre as práticas jornalísticas, seus valores sociais e o jornalismo de modo geral, o que delimita os contornos do livro.

O eu e o Outro, que constituiu a relação de Fabiana e Joicy, envolve diferenças que vão desde a constituição da identidade de gênero – uma é mulher cisgênero, outra mulher transgênero – até as suas distinções de classe, geração, entre outras. A jornalista, também pernambucana, nasceu na capital, Recife, em 1974, enquanto a cabeleireira nasceu na caatinga, na área rural de Alagoinha, sertão pobre do estado, 51 anos antes da publicação da reportagem. As diferenças, principalmente de classe, se impuseram – o que fica fortemente reiterado nas descrições que ao longo do livro revelam os embates travados entre ambas.

As dificuldades financeiras de Joicy se imiscuíram nestas relações. Fabiana descreve em distintas passagens do livro as doações de dinheiro que fez a Joicy, afetada pela condição social da cabeleireira que, muitas vezes, passava o dia alimentada apenas por água e pipoca. As doações foram feitas não apenas pela percepção da condição de necessidade de sua interlocutora, mas porque as lamentações daquela sobre sua situação financeira eram constantes nas interações entre as duas. Inclusive parte da verba recebida com o *Prêmio Esso* foi compartilhada com Joicy. As dificuldades da transexual sensibilizaram outras pessoas, além da jornalista. A publicação da matéria despertou o interesse do público e de outros jornalistas em doar dinheiro à cabeleireira que, segundo a autora, não conseguia entender que tais doações eram pontuais.

As relações perpassadas pelas questões financeiras fizeram com que as duas se desentendessem em diversas ocasiões. E foram, segundo Fabiana, motivadoras de suas principais mágoas:

Minha mágoa era a de que aquela reportagem e o cuidado da equipe com a própria Joicy eram coisas secundárias, e que minha importância se dava apenas no âmbito financeiro. Aquela não era uma leitura errada, mas também não era exatamente justa com Joicy. Eu não podia responsabilizá-la de saída por não conseguir entender as várias dimensões de nossa proximidade. Ao mesmo tempo, aquilo tudo me doía um bocado. (MORAES, 2015, p. 141-142).

Percebi esses desentendimentos como importantes dificuldades de encontro destas alteridades, conforme mais adiante discuto. Entretanto, Fabiana não transforma as diferenças em desigualdades nas produções simbólicas da matéria, nem do livro. Sequer adota um viés sensacionalista ou reprodutor de estereótipos. Persegue a normativa jornalística no cumprimento das técnicas, como as da apuração. Adota uma escrita que dá uma dimensão aproximada das técnicas da descrição densa e da observação participante como parte do processo de construção da narrativa.

Os capítulos que seguem dão os contornos de uma publicação cujas características circunscrevem *O nascimento de Joicy* no conceito de *Livro de Repórter* formulado por Marocco:

Trata-se de um tipo de texto que se ocupa do jornalismo, para dele elaborar outro texto que oferece o desvendamento de certos processos jornalísticos, ou a crítica dos mesmos, em operações de produção de sentidos, em que o jornalista, naturalmente, fará um exercício de interpretação criativa do que é considerado jornalismo. (MAROCCO, 2010, p. 5).

A organização, narrativa e, muito especialmente, os tensionamentos e reflexões sobre as práticas profissionais articuladas às experiências corpóreas,

vivenciadas antes, durante e após a realização da reportagem, bem como acerca do jornalismo como um todo, cumprem com uma das principais funções identificadas nos livros de repórter: denotam a capacidade de formular “questões que permitem problematizar o regime das práticas e complexificar a compreensão do próprio jornalismo” (ZAMIN, 2011, p. 394). Não apenas o livro em análise delimita seus contornos como um livro de repórter como também indica ser esta uma característica das demais obras da jornalista, trazidas na narrativa como elementos para refletir criticamente sobre as práticas jornalísticas.

Pensando no “conjunto da obra”, a jornalista pode ser compreendida a partir de um perfil que expressa uma noção de “autorialidade individual” (RINGOOT, MAROCCO, 2015) que, na contracorrente da autorialidade coletiva – espaço em que o jornalismo seria delimitado a partir de Maingueneau (2010) –, e em consonância com a noção de “testemunho-embaixador” (MUHLMAN, 2004 *apud* RINGOOT, MAROCCO, 2015),

[...] materializou um “repórter-autor” que se cristalizou no seio das mídias jornalísticas na troca de sensações com o público; historicamente, esta figura vem se desenhando como o signo de um modo singular, resultado de um conjunto de estratégias individuais que se deslocam do modo de objetivação jornalística. (RINGOOT, MAROCCO, 2015, p.12).

São muitas as descrições das estratégias que deslocam-se do modo de objetivação jornalística. Nas reflexões que seguem nos capítulos seguintes ao da reportagem, estas estratégias são pormenorizadamente descritas, discutidas e problematizadas à luz das práticas jornalísticas e dos conceitos da área do jornalismo em diálogo com outras disciplinas. A subjetividade é matéria-prima para pensar sobre a prática, ressaltando a prevalência destas formas de

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p398>

conhecer, que envolvem também o corpo e as emoções, no processo de cognição envolvido no dar sentido à realidade, tarefa essencial nas produções simbólicas do jornalismo. É, sem dúvida, uma marca e uma estratégia de deslocamento da objetivação jornalística.

Por um jornalismo subjetivo

A percepção da jornalista sobre intrusão da subjetividade nas formas como uma realidade pode ser percebida e narrada parece ter se dado a partir da reflexividade sobre o encontro com o Outro. Afinal, um encontro com o Outro também pressupõe um encontro com o eu, sempre em relação. E essa relação é pensada no contexto do jornalismo, a partir da crítica sobre as práticas, resultando em uma pertinente discussão teórica. Mais do que isso, a autora contribui para uma discussão que parece longe de se findar no campo do Jornalismo: os ideários de uma objetividade positivista que, ao negar a presença da subjetividade, acaba dificultando a reflexividade dos profissionais e contribuindo para a reprodução de valores sociais dominantes nos processos simbólicos – que ocorrem nas produções jornalísticas a partir dos sentidos gerados nos jornalistas. Colocando-se em perspectiva, a autora mostra o quão difícil é o encontro de diferenças, mas também ensina o quão fundamental é refletir permanentemente sobre ele no exercício da profissão. Os juízos de valor, por exemplo, acionados inconscientemente por nossos valores pessoais, por mais cuidado que se possa ter, insistem em nos escapar nas relações humanas.

Mesmo com um permanente exercício de alteridade, Fabiana ainda assim explicita o quão difícil é evitar um juízo de valor e se preencher pelo Outro. Ao decidir, por exemplo, onde a cabeleireira investiria o dinheiro

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p398>

recebido por doações, a jornalista demonstra como inconscientemente transformamos o outro em desigual, por mais que nossa intenção consciente seja oposta. Guiada por seus valores, Fabiana julgou saber melhor do que Joicy o que era melhor para a personagem. Agiu como numa ação de tutela, de quem se considera mais capaz que o outro, como pode-se perceber no fragmento abaixo.

[No início de maio de 2011, Fabiana, Rodrigo Lobo e Kennedy Anderson (fotógrafo e o motorista) voltaram a Alagoinha]. O Intuito era tanto entregar as doações a Joicy quanto mostrar como ela estava meses após a cirurgia, o enfrentamento do dia a dia naquele lar com problemas de esgotamento, de falta de espaço e de higiene em relação ao banheiro, onde também funcionava uma cozinha. **Lobo e eu decidimos**, em vez de entregar o dinheiro a ela, comprar material de construção para reformar o banheiro, instalar um chuveiro e realizar o serviço de saneamento do esgoto. Antes, a ideia era pagar os óculos e o colchão pelos quais ela devia nas lojas locais. Mas o funcionamento de um chuveiro acoplado a um balde (que, antes de cada banho, era enchido pela própria Joicy com água comprada em tonéis carregados por burros) não era mais viável na situação no qual ela estava. [...] **Havia também, tanto de minha parte quanto da parte de Lobo, o medo de que, se déssemos o valor arrecado a Joicy, o dinheiro facilmente fosse para Dorneles** [com quem Joicy mantinha uma relação afetiva]. **Sei que houve de nossa parte uma “interferência”** que pode ser questionada. **Mas sabíamos** que estávamos garantindo para ela algo de estrutural, de extrema importância, que era vital para a manutenção de sua saúde. (MORAES, 2015, p. 138-19 [grifo meu]).

Do lugar social que estão a jornalista e o fotógrafo em relação à cabeleireira, a “interferência” demonstra o quanto podemos reafirmar nosso diferente em posição desigual. E talvez esse tipo de intrusão não seja uma tarefa jornalística, como também questiona a jornalista ao refletir criticamente sobre a prática. Por mais que as intenções sejam boas, decidir impositivamente pelo outro o torna incapaz de si, o que gera tensão entre as alteridades. Talvez de algum modo Joicy tenha se sentido “roubada” por Fabiana, o que ajuda a

entender as insinuações feitas à jornalista, as mágoas e a reflexividade sobre alteridade nas práticas jornalísticas geradas na autora e que resultaram no livro de repórter:

[Em uma das ligações de Joicy para Fabiana, aquela insinua que a jornalista estaria ficando com o dinheiro que as pessoas doavam a ela – doações feitas a partir da reportagem e que foram depositadas na conta de Fabiana para serem entregues a Joicy. Fabiana diz como se sentiu e o que disse quando recebeu essa ligação] Eu só queria desligar – de preferência, para sempre. “Joicy, você tem ideia da gravidade do que você falou? Você me acusou de algo muito sério. Eu não me sinto à vontade de continuar conversando com você. Um abraço”. Depois disso, o nome da transexual piscou três ou quatro vezes na tela do meu celular. Não atendi a nenhuma chamada. Ela parou de telefonar e, parecia, nós duas finalmente iríamos nos afastar depois de meses de uma intimidade quase obrigatória. A distância era algo de que, profissionalmente e pessoalmente, eu precisava: **me sentia extremamente frustrada pelo fato de, depois de tentar ajudá-la de várias maneiras (um ato que sempre oculta alguma vaidade, é claro), terminar ouvindo suas queixas sobre minha inabilidade em fazê-la, de algum modo, feliz. Durante muito tempo, não entendi que aquela não era uma tarefa minha.** (MORAES, 2015, p. 92 [grifo meu]).

Perceber o quanto sua subjetividade interferia na leitura da realidade e na forma como a mesma é narrada dava mostras de que um jornalismo pensado e praticado pelo viés da objetividade positivista seria impossível. Mais do que isso, negar a participação da subjetividade acabava por impedir a tão necessária reflexividade dos profissionais e por contribuir para a reprodução de estereótipos e do senso comum. E é assim que Fabiana roga uma mudança epistemológica no jornalismo, uma virada subjetiva em prol de um melhor cumprimento de suas funções sociais e éticas.

O diálogo com diferentes autores do jornalismo fazem do último capítulo uma sessão mais conceitual sobre um devir jornalístico e relaciona esse

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p398>

devir aos encontros de alteridades permanentemente presentes nas práticas profissionais. Mas desde a introdução essa mescla é apresentada a/os leitora/es:

Li diversos livros abordando as teorias do jornalismo [...] e, infelizmente, não encontrei em nenhum deles qualquer referência à dor e ao suor, ao assombro e à alegria que invariavelmente estão presentes na relação estabelecida entre jornalista e personagem – principalmente quando essa relação ultrapassa um breve encontro permeado por algumas perguntas, um “muito obrigada” e um ilusório “até logo”. De fato, “personagem”, termo emprestado da literatura e que sobretudo vê o Outro sob um aspecto técnico no momento em que o coloca como objeto de observação (e de desejo) do repórter, é ofuscado pela ideia de “fonte”, esta dominante nos livros e manuais adotados nas universidades e faculdades de jornalismo do país. O conceito parece engessar ainda mais o lugar tantas vezes indomável daqueles que buscamos no momento de escrever. [...] nossas teorias ainda não exploram a contento uma relação na qual os atores em questão, jornalistas e fonte/personagem, nunca são estanques e nem passivos. Eles podem facilmente sair de suas peles para transmutar-se naquilo que o outro não conhecia – e é justamente aí que reside boa parte do assombro, da dor, do suor e da alegria. (MORAES, 2015, p. 17-18).

Nomeado *O subjetivo como elemento político*, o capítulo dá as marcas de um devir do jornalismo capaz de incorporar os elementos subjetivos e políticos. Propõe uma subversão às práticas dominantes baseadas na tríade objetividade/neutralidade/imparcialidade que até hoje sustentam os modos de objetivação jornalística e cujos efeitos têm mais servido a contribuir com o *status quo*. Compreendendo o jornalismo como forma de conhecimento (GENRO FILHO, 187; MEDITSCH, 1992), a autora coloca em xeque o paradigma moderno-positivista, ainda vigente nas práticas profissionais e no ensino do jornalismo (VEIGA DA SILVA, 2015), que norteia os saberes sobre a prática. A adoção dessas perspectivas por Fabiana – mulher, jornalista, nordestina e uma

das pouquíssimas jornalistas a receber o Prêmio Esso⁸- encontra-se em consonância com uma ruptura epistemológica proposta pela teoria feminista, que há décadas propõe

[...] o questionamento da produção do conhecimento entendida como processo racional e objetivo para se atingir a verdade pura e universal, e a busca de novos parâmetros da produção do conhecimento. Aponta, então, para a superação do conhecimento como um processo meramente racional: as mulheres incorporam a dimensão subjetiva, emotiva, intuitiva no processo do conhecimento, questionando a divisão corpo/mente, sentimento/razão. [...] o pensamento feminista trouxe a subjetividade como forma de conhecimento. “We all see feelingly”, afirma, o que se opõe radicalmente ao ideal de conhecimento objetivo trazido das Ciências Naturais para as Ciências Humanas. Entrando num mundo masculino, possuído por outros, a mulher percebe que não detém a linguagem e luta por criar uma, ou ampliar a existente: aqui se encontra a principal fonte do aporte feminista à produção do conhecimento, à construção de novos significados na interpretação do mundo. Portanto, o feminismo propõe uma nova relação entre teoria e prática. (RAGO, 1998, online).

O livro dá os contornos das marcas da repórter-autora que, sobretudo, reivindica um tipo de objetividade capaz de cumprir a função democratizadora das vozes pelo jornalismo.

É preciso pensar em jornalismo que se utilize, sem constrangimentos, de subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo na notícia cotidiana. Nele, são considerados, e não negados, os elementos que escapam da “rede técnica” dessa área do conhecimento. Assume-se que não é possível domar o mundo exterior – e o Outro – em sua totalidade (independente de estarmos lidando com um “fato” ou “acontecimento”), mas que devemos, antes, incorporá-lo, dentro de

⁸ Valorizando trabalhos feitos *in loco*, o Prêmio Esso laureou praticamente apenas homens em suas primeiras décadas – de 1956 até o final dos de 1980 –, na “categoria principal”, qual seja, a de melhor reportagem especial. A presença feminina só surge mais vigorosa na década de 1990, com cinco prêmios, e se torna consistente a partir dos anos 2000 (Santos, 2014). De 2000 para cá, foram premiadas três reportagens com autoria única feminina e cinco com autoria conjunta, sendo que, destas, quatro com mulheres na autoria principal (TEMER, ASSIS, SANTOS, 2014, p. 75).

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p398>

nossas limitações, às práticas jornalísticas. Assim, englobamos as fissuras e as subjetividades inerentes à vida – o resultado é uma produção na qual o ser humano é percebido em sua integralidade e complexidade, com menos reduções. É, certamente, um caminho para minar clichês e lugares-comuns que tantas vezes só engessam nosso olhar sobre o mundo. Reconhecer que não somos capazes de guiar comportamentos, falas, sentimentos e situações, aliás, não prejudica a narrativa jornalística; ao contrário, pode enriquecê-la. Parece óbvio, mas o fato é que grande parte da produção desse campo midiático funciona a partir de um imenso e terrível ato de manipulação e autoritarismo, no qual as pessoas e grupos são praticamente obrigados a se comportar, a responder e mesmo a sentir aquilo que o jornalista – quase sempre apressado ou ansioso para dar conta de algo que está em sua cabeça – quer. A inclusão daquilo que escapa ao nosso controle não significa o fim do respeito a uma prática/teoria na qual diversas regras da objetividade são vitais, mas acarreta seu necessário amadurecimento e o entendimento de limites teóricos, profissionais e individuais. Significa, enfim, pensar na produção dessa área de conhecimento de maneira dialética (e aqui não me refiro à dialética marxista, e sim em seu aspecto filosófico, como pensamento dinâmico que procura explicar a realidade levando em consideração sua complexidade e constante instabilidade. É importante levar em conta que objetividade e subjetividade não podem ser extraídas da produção noticiosa, uma vez que estão imbricadas [...]. A notícia é feita a partir de uma articulação entre essas duas dimensões. Assim, numa prática que reconhece a subjetividade, não são colocados de lado elementos vitais do jornalismo – tais como a pertinência da informação, a checagem minuciosa de dados e fatos, a clareza na escrita – e, importante, não se assume a distorção deliberada do acontecimento (ou fenômeno). Afinal, é no campo da realidade socialmente compartilhada que o jornalismo estabelece seu índice, e, mesmo com a adoção de vários elementos da literatura na escrita, é essa a pedra fundamental da prática jornalística e o que a separa, no fim, da ficção. Dar conta dessa lógica no momento da produção não implica um jornalismo que deixa de lado a “Verdade”, maiúscula palavra vastamente utilizada para exprimir a ideia de excelência e que serve, há séculos, para blindar o próprio jornalista (Apenas relatei a verdade). Aliás, um dos motivos para a resistência em agregar essa prática subjetiva ao trabalho talvez seja a própria desmistificação do papel do profissional da imprensa, fenômeno que vem ocorrendo há muito, quer ele queira ou não. (MORAES, 2015, p. 159-160).

Pelas discussões propostas, não pude deixar de entender a subjetividade reivindicada por Fabiana com o conceito de objetividade de Donna Haraway. Com a perspectiva da objetividade feminista, Haraway trata da

“localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto”, e indica os modos como podemos nos tornar responsáveis por aquilo que aprendemos a ver” (HARAWAY, 1995, p. 21). Ou seja, sinaliza os significados possíveis a partir de uma visão que se constitui a partir de sistemas de percepção ativos que constroem traduções, interpretações e modos específicos de ver. Deste modo, a autora consegue ensinar como afastarmo-nos das perspectivas da totalização e do pleno relativismo, considerados por ela como “truques de Deus” por serem entendidos como perspectivas que igual e inteiramente prometem uma visão de toda a parte e de lugar nenhum, comuns em torno na ciência (HARAWAY, 1995) e, pelo que pude perceber, também no jornalismo. Por essa perspectiva, “a objetividade não diz respeito a desengajamento, trata de assumir riscos num mundo no qual nós somos permanentemente mortais, isto é, não detemos o controle final. Por último, não temos ideias claras e precisas” (idem, p. 41).

Considerações finais

O nascimento de Joicy foi um caminho interessante para começar a circunscrever os objetos de pesquisa e indica fortemente Fabiana Moraes como interlocutora. O objetivo da investigação é conhecer e refletir sobre práticas jornalísticas menos etnocêntricas, mais afeitas ao encontro com o Outro. A partir da escuta da história de vida de jornalistas reconhecidos pelo desempenho destas práticas, pretende perceber como essas trajetórias pessoais contribuem para uma bagagem de conhecimentos culturais e profissionais que resultam em práticas diferenciadas e que podem servir de pedagogia para um devir do jornalismo. Há o intuito de mapear e divulgar através da pesquisa



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p398>

práticas profissionais que contribuam para formar profissionais mais consoantes com uma atividade intelectual tão relevante na chamada sociedade do conhecimento: jornalistas capazes de propor novas perguntas, pautar novas perspectivas de pensamento e provocar mais indagações do que respostas simplistas e definidoras para os complexos acontecimentos da realidade, produzindo conhecimentos que possam permitir mais reflexão e criticidade ao público e melhores encontros com a alteridade. Pois a alteridade e a noção de que o Outro é construído a partir de um nós pode ser revolucionário como uma noção central nos processos simbólicos do fazer jornalístico, e nisso os jornalistas passariam a ser entendidos e a se entender em suas centralidades nesses processos.

Referências

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. 1987. Disponível em: <<http://www.adelmo.com.br/index3.htm>> Acesso em : jul. 2012.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. v.5, n.1. Campinas: Unicamp,1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **Autor**. A noção de autor em análise do discurso. In: SOUZA E SILVA, Maria Cecília de; POSSENTI, Sírio. Doze conceitos em análise do Discurso. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

MAROCCO, Beatriz. Os "livros de repórter", o "comentário" e as práticas jornalísticas. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 33, 2010, Caxias do Sul. Anais. Caxias do Sul: Intercom, UCS, 2010.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joyci**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992.

NEVEU, Erik. “Novos” jornalismo investigativos e ciências sociais: pensando empréstimos, diferenças e hibridizações. **Revista Parágrafo**. v. 4, n. 1. São Paulo: FIAM-FAAM, 2016.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. 1998. Disponível em: <http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf>. Acesso em: jul. 2016.

RINGOOT, Roselyne; MAROCCO, Beatriz. A individualização autorial em jornalismo: Séverine, Eliane e Alexandra repórteres a flor da pele. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 13, 2015, Campo Grande. **Anais**. Campo Grande: SBPJOR, UFMA, 2015.

TEMER, Ana Carolina R.; ASSIS, Francisco de; SANTOS, Marli dos. Mulheres jornalistas e a prática do jornalismo de imersão: por um olhar sem preconceito. **Revista Média e Jornalismo**. V.14, n.2. Coimbra, 2014.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade**. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, UFRGS, 2015.

ZAMIN, Angela. “Livros de repórter”, saberes de entremeio: relatos jornalísticos sobre a cobertura de conflitos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. v. 8, n. 2. Florianópolis, 2011.